

Smolarski adverte contra as flutuações do câmbio e dos juros.

por Sonia Jourdani
de São Paulo

Taxas de câmbio flutuantes e movimentação de capital ao sabor de oscilantes taxas de juros. Uma combinação perigosa que o sistema financeiro internacional herdou com o enterro dos princípios de Bretton Woods, em 1971. Desde então, o mundo das finanças tem vivido de impulsos primários, como o medo ou a euforia, que deslocam os investimentos para a moeda que no momento é mais conveniente e para o país onde os juros garantem remuneração mais atraente.

Uma situação como esta torna imperativa a proteção do comércio, das aplicações de longo prazo, de modo que não sejam afetados pela instabilidade de uma economia em ciclos. Estes os principais pontos ressaltados ontem, no Maksoud Plaza, pelo banqueiro Georges Smolarski, presidente do Banque Internationale de Gestion e Tresorerei (BIGT), de Paris — ligado ao Crédit Lyonnais —, da Sociedade Francesa de Cheques de Viagens e membro do Conselho Geral de Administração do Crédit Lyonnais.

A conferência que pronunciou no encontro sobre o tema "Uma visão europeia sobre a situação financeira internacional", foi quase toda dedicada à experiência de criação da Unidade Monetária Europeia (ECU — European Currency Unit), no âmbito do Sistema Monetário Europeu. A ECU tem cinco anos de lenta implantação, mas perspectivas consideráveis. Hoje é mais, segundo Smolarski, que o padrão de um sistema contábil, representando uma alternativa superior aos Direitos Especiais de Saque (DES), do Fundo Monetário Inter-

nacional, para formação de reservas pelos bancos centrais. Como prova disso, ele mencionou uma emissão de ECU no equivalente a US\$ 50 bilhões pela França. Para o banqueiro, a Unidade Monetária Europeia deverá substituir o marco e o dólar na contabilização das receitas de comércio. Poderá minimizar o risco de transações financeiras, embora oferecendo menor lucro, e permitir a troca de reservas entre bancos centrais, com maior liquidez.

Smolarski julgou melhor explicar por que — com tão boas perspectivas — o desenvolvimento da ECU, como moeda, tem sido tão lento. A causa principal, disse, é a compatibilização das nove unidades monetárias que compõem a cesta de moedas do Sistema Monetário Europeu. Cada uma delas recebe pesos variáveis, em função de seus movimentos no mercado de câmbio. As reavaliações de peso são periódicas, sendo que a próxima deve acontecer no mês que vem, quando também o dracma grego deverá ser incluído na cesta que compõe a ECU.

Como não é fácil prever quais das várias unidades de troca permanecerão estáveis, Smolarski acredita que a ECU poderá ser usada como moeda-padrão não só para o comércio, mas também para a concessão de empréstimos e colocação de bônus. Ele revelou que os meios financeiros do Japão e dos Estados Unidos já mostraram interesse em explorar as possibilidades da ECU, alertados para o fato de que, de março de 1979 a março do ano passado, o franco registrou uma depreciação de 16% em relação à unidade padrão europeia, enquanto o marco e o dólar tiveram valorização de 12 e 47%, respectivamente.